

Rio Sergipe: quem olha por ele?

* **Amanda Rocha Santos e Paulo Sérgio Melo dos Santos**

O Rio Sergipe vai seguindo o seu percurso suportando a aridez, difundindo-se com o mar, através do efeito das marés e transformando-se em um estuário onde a sua direita se propaga a capital, Aracaju que possui vista privilegiada aos que por ali transitam. Podemos questionar a um cidadão sergipano onde nasce o mesmo e este provavelmente não saberá informar. Tal indiferença somada ao descontente desconhecimento traduz o desprezo que está associado ao Rio Sergipe. Afinal, quem olha por ele?

Torna-se um fato cada vez mais inadmissível encarar a realidade ambiental que visualizamos diariamente de modo leviano. Basta um olhar sob as intermediações urbanas a margem do Rio Sergipe e logo percebemos sinais contrários à preservação que devemos ter. Uma vez que reconhecemos a importância do meio ambiente e as consequências das agressões causadas ao mesmo. Aracaju ao longo dos anos vem se expandindo e mesmo sendo reconhecida com a "cidade da melhor qualidade de vida", ofusca o que claramente está visível aos nossos olhos.

Os problemas ambientais do Rio Sergipe vão se agravando com aumento da população a cada ano. Como consequência o ecossistema é agredido e este fato incidirá na perda de áreas naturais através do desmatamento; aterro dos manguezais devido à construção de habitações; poluição pelo aumento do volume do esgoto sanitário, onde o lixo

urbano é descartado erroneamente no ambiente.

O cheiro que o Rio Sergipe exala, deveria despertar consciência, no entanto o efeito parece ser inverso. Agora o que vemos são os efluentes da capital sendo despejados nos canais que correm para o rio. Qualquer que seja a alternativa de recuperação e preservação do estuário do rio deverá começar pelo tratamento dos despejos, urbanos e industriais, que são lançados naquele ambiente. Este problema vem sendo protelado, mas agora não podemos esperar; sabemos da complexidade de recursos que está envolvida, mas sem uma solução pertinente, qualquer outra providência será inofensiva.

Atualmente não é mais permitido o lançamento direto, de qualquer tipo de despejo em corpos hídricos (rios, lagos, lençóis subterrâneos etc.). Enquanto, no mundo desenvolvido, o foco das discussões gira em torno do tratamento avançado para remoção de orgânicos tóxicos e produtos da degradação retidos pelas tecnologias comuns de tratamento, aqui ainda nem um tratamento convencional eficiente se conseguiu implantar.

Levando em consideração a vulnerabilidade dos ecossistemas estuarinos do Rio Sergipe, aliadas a crescente demanda da exploração de seus recursos naturais e das atividades econômicas desenvolvidas, nessas áreas haveria a necessidade de implantar atividades sistemáticas de monitoramento, para que fossem geradas informações que permitissem o acompanhamento da situação ecológica. Essas atividades devem estar atreladas a população, pois esta é parte

integrante do ecossistema. Almejando assim um processo de melhorias que possam garantir um desenvolvimento sustentável que contemple as dimensões ambientais, sociais e econômicas, ou seja, que garanta a preservação da biodiversidade e a utilização racional dos seus recursos naturais.

Visando o uso sustentável dos recursos hídricos, os sistemas de tratamento de esgoto têm um importante papel na sociedade por viabilizar ações que contribuem para minimizar os problemas ambientais que interferem amplamente no Rio Sergipe. Afinal, não basta agir com ações pontuais, em momentos únicos e específicos, a preservação e limpeza dos rios deve ser uma manifestação contínua. Por fim, mais do que discursos em vão, é preciso iniciativas de fato. Somente assim poderemos restabelecer os parâmetros de vida do nosso Rio Sergipe, contribuindo verdadeiramente com os aspectos ambientais em evidência. O Rio que abraça o estado, que afaga a epiderme urbana e que é um bem natural dos sergipanos merece olhares de reconhecimento e atitudes de zelo e não indiferença no ir e vir cotidiano da população.

(Artigo classificado na VII Olimpíada Ambiental da SEMARH-SE de 2013)

* Amanda Rocha Santos é graduanda em Administração pela Faculdade Amadeus; Paulo Sérgio Melo dos Santos é Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Coordenador do Curso de Administração da Faculdade Amadeus.